

França: Um chamado às armas pelas forças militares de direita. Os militares franceses são uma ameaça à democracia?

Via [Europe Solidaire](#)

Uma carta aberta de generais aposentados adverte o presidente francês Emmanuel Macron que, a menos que ele restrinja os movimentos anti-racistas, as forças armadas intervirão para “restaurar a ordem”. Em um país com uma longa história de golpes militares, a disseminação de discursos de extrema-direita está minando a democracia.

Em 21 de abril, quase mil membros ativos do serviço militar francês se juntaram a dezenas de generais franceses aposentados para assinar uma carta que exige um golpe contra o governo eleito em nome de “pôr um fim ao caos”. Publicada em uma das principais revistas francesas de extrema direita, Valeurs Actuelles, a carta é um apelo às armas pelas forças militares de direita – e já ganhou o apoio da líder do Rassemblement National, Marine Le Pen.

A carta começa dizendo que a “hora é grave, e a França está em perigo” – ameaçada por “perigos mortais”. Especificamente, este perigo é a “desintegração”, a perda da integridade atemporal imaginada da França de outrora. Quem e o que os signatários culpam por esta desintegração? Para surpresa de ninguém que tenha prestado atenção à ascensão do nacionalismo de direita e do nativismo no Norte Global, os culpados identificados pelos soldados são anti-racistas e pessoas de cor – particularmente aqueles que praticam o islamismo.

Aqui, o artigo mostra toda a aparência da variante “daltônica” do racismo tão típica do discurso público francês, e os papagaios repugnantes pontuam os argumentos nojentos de conversa nacionalista branca. Ele argumenta que os muçulmanos, ao invés de serem cidadãos ou residentes legítimos da França, são uma “horda” de estrangeiros cujas ideologias e práticas ameaçam a identidade natural da França. Os signatários afirmam que as áreas ao redor de várias grandes cidades francesas foram transformadas por seus residentes não-brancos em zonas de “anarquia” que abalam as fundações da República Francesa. Eles repreendem os políticos por sua suposta inação e timidez – apesar de décadas de abuso policial e de aplicação da lei – e argumentam que o exército não pode ficar parado e permitir que isto continue. Aqui, a própria presença de minorias é uma ameaça à nação da França.

O artigo conclui com um aviso. Como “a violência se eleva diariamente”, a menos que o governo francês faça o que os soldados sugerem e se esforce para combater não apenas o crime, mas a própria existência de residentes franceses não brancos, eles e seus “camaradas” serão forçados a montar uma “intervenção”, uma “missão perigosa para proteger os valores da civilização [francesa]”. Esta é a única maneira de evitar uma “guerra civil” – com os políticos responsabilizados pelo número de mortes resultantes.

Tal ameaça não é isenta de precedentes modernos na França – de fato, a atual constituição do país tem origem em uma tentativa de golpe de Estado que ocorreu em 1958. Em meio à guerra colonial na Argélia, um grupo de oficiais de alta patente usou a pressão militar para derrubar a Quarta República parlamentar e devolver ao poder o General Charles de Gaulle. Então, em 21 de abril de 1961, com a batalha pela Argélia francesa quase perdida, mais uma conspiração de generais tentou um golpe de Estado contra De Gaulle. Os rebeldes militares tomaram as cidades argelinas em nome de sua junta e até pousaram pára-quedistas nos aeroportos continentais franceses antes de serem

detidos por outras forças armadas francesas.

O fato de os signatários do artigo de Valeurs Actuelles terem decidido publicar seu artigo no sexagésimo aniversário deste evento – assim como o apego semelhante à violência anti-muçulmana e racista – torna ainda mais real sua ameaça de uma intervenção na política francesa. O fato de estes líderes militares contemporâneos também serem apoiados pelo Le Pen – o líder da direita francesa e quase certamente o principal oponente de Macron nas eleições presidenciais de 2022 – significa que sua posição tem um apoio geral que os generais em 1961, sem dúvida, não tinham.

Democracia Envenenada

É muito cedo para dizer o que virá da publicação desta carta, ou do apoio de Le Pen a ela. Alguns dados das pesquisas mostram que a maioria dos entrevistados apoia a carta e seus autores. O governo respondeu com estridente oposição, advertindo que os signatários da carta poderiam enfrentar processo judicial. Mesmo membros aposentados das forças armadas geralmente não estão autorizados a expressar publicamente opiniões políticas ou religiosas na França. Qualquer que seja o resultado desta intervenção particular da direita, no entanto, é um exemplo perfeito das sequelas de tentativas de golpes e outras interrupções que mesmo as democracias mais estabelecidas enfrentam muito depois de restauradas.

Mesmo na Europa, houve vários golpes militares na Grécia do pós-guerra e, ainda em 1981, houve uma tentativa de golpe na Espanha, logo após a restauração da monarquia constitucional. Estas duas revoltas militares ecoaram as longas histórias de guerra civil e violência política de seu país. Nas Américas, o golpe de 1973 contra o presidente socialista Salvador Allende pôs fim ao governo civil no Chile por quase duas décadas, pondo fim ao que estava na época entre os sistemas eleitorais e parlamentares ininterruptos mais longos do mundo – com muito

mais anos de governo democrático nos séculos XIX e XX do que, por exemplo, a própria França.

A lição é que, com ou sem sucesso de um golpe, suas consequências reverberam na política nacional durante anos, ou mesmo décadas. Os políticos vivem com o conhecimento de que sua posição não é apenas contestada, mas sob a ameaça violenta dos militares e das milícias, e sentem uma pressão real para ceder às suas exigências.

Esta advertência é especialmente relevante nos Estados Unidos, que no início deste ano viram a primeira ameaça credível ao seu funcionamento contínuo como democracia (como é) desde a Guerra Civil. Apesar da instauração de processos contra aqueles que participaram da invasão do edifício do Capitólio, este evento mudou o tom da política norte-americana. Se os eventos daquele dia poderiam ou não ter sido bem sucedidos no final do governo eleito nos Estados Unidos, esse era seu objetivo – e quando a direita antidemocrática aprende o poder da violência política, a lição ecoa por gerações.

Assim como o golpe francês de 1958 foi seguido pela tentativa em 1961, os eventos de 6 de janeiro de 2021 abrirão um precedente que a direita não vai esquecer em breve. A oposição organizada aos direitos dos oprimidos, das pessoas racializadas e da esquerda só pode ser enfrentada com o poder organizado daqueles cujos direitos estão sendo ameaçados e cujas vidas estão em jogo. Permanecer forte frente a esse perigo é difícil. Mas inúmeros exemplos mostram que tal resistência é possível e necessária.